

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

MILTON LEITE ALVES MACHADO

DA MORTE DE DEUS AO DESPERTAR DA INTELIGÊNCIA:

UMA LEITURA A PARTIR DE NIETZSCHE

BRASÍLIA
2025

MILTON LEITE ALVES MACHADO

DA MORTE DE DEUS AO DESPERTAR DA INTELIGÊNCIA:

UMA LEITURA A PARTIR DE NIETZSCHE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à **UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA** como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Professor Doutor Shajara NéeHilan Bensusan

BRASÍLIA
2025

MILTON LEITE ALVES MACHADO

DA MORTE DE DEUS AO DESPERTAR DA INTELIGÊNCIA:

Uma leitura a partir de Nietzsche

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à **UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA** como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Professor Doutor Shajara NéeHilan Bensusan.

Data de aprovação: ___/___/___

Conceito:

Banca Examinadora:

_____

Professor Doutor Shajara NeéHilan Bensusan - Orientador
Universidade de Brasília

_____

Doutor Bernardo de Carvalho Tavares dos Santos
Universidade Federal de São Paulo

RESUMO

Este trabalho investiga a transformação do sentido da inteligência e do próprio humano no pensamento de Friedrich Nietzsche, a partir da análise dos aforismos 108, 125 e 343 de *A Gaia Ciência*, articulados aos prólogos de *Humano, demasiado humano* e *Assim Falou Zaratustra*. O objetivo central é compreender de que modo a crítica nietzschiana à metafísica, sintetizada no anúncio da "morte de Deus", não se limita à dissolução dos valores tradicionais, mas inaugura a possibilidade de uma nova forma de afirmação da existência. Argumenta-se que a morte de Deus representa o colapso do fundamento transcendente que sustentava a moral, a verdade e a racionalidade ocidental, abrindo um horizonte histórico marcado pelo niilismo e, simultaneamente, pela exigência da criação de novos valores. Nesse contexto, a inteligência deixa de ser compreendida como faculdade puramente racional e passa a ser concebida como prática de libertação, autossuperação e disciplina do espírito, condição para a formação do Espírito Livre e para a emergência do Além-Homem. A análise do aforismo 343 evidencia a noção de jovialidade como disposição afirmativa diante do devir, capaz de sustentar a vida sem garantias metafísicas. A metodologia adotada é analítico-interpretativa, com apoio no diálogo com a leitura de Martin Heidegger, especialmente em *Nietzsche (Volume II)*. Conclui-se que, em Nietzsche, a crítica à metafísica é inseparável de um projeto positivo de transformação do humano, no qual pensar e viver tornam-se tarefas criadoras orientadas pela afirmação da vida.

Palavras-chave: Nietzsche; Morte de Deus; Metafísica; Inteligência; Espírito Livre; Além-Homem; Niilismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....5

2. REVISÃO TEÓRICA.....7

2.1 Análise dos aforismos 108 e 125 e sua crítica à metafísica 7

2.2 Análise do aforismo 343 e a noção de jovialidade 16

2.3 O processo de formação do Além-Homem e do Espírito Livre 21

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS 25

4. REFERÊNCIAS 27

1. INTRODUÇÃO

A reflexão desenvolvida neste trabalho parte da análise dos aforismos 108, 125 e 343 de *A Gaia Ciência*, articulados aos prólogos de *Assim Falou Zaratustra* e de *Humano, demasiado humano*, com o intuito de compreender o processo pelo qual Nietzsche descreve a transformação histórica da inteligência e do próprio homem. Esses textos representam pontos estratégicos no itinerário nietzschiano, pois expõem o movimento que vai da crítica às crenças metafísicas tradicionais à afirmação de um novo horizonte de criação, no qual a figura do Além-Homem aparece como tarefa, possibilidade e exigência interpretativa. Trata-se, portanto, de situar o pensamento de Nietzsche no momento em que o fim do absoluto abre espaço para outro modo de existir, para outra relação com a inteligência e para a formação do Espírito Livre.

O desafio deste estudo pode ser formulado da seguinte maneira: de que modo Nietzsche, ao desconstruir as estruturas metafísicas da moral, da religião e da verdade, elabora uma concepção de inteligência capaz de sustentar a emergência do Espírito Livre e preparar o terreno para o surgimento do Além-Homem? Essa questão articula tanto o diagnóstico da decadência dos valores tradicionais quanto a possibilidade de criação futura, evidenciando a tensão entre crítica e afirmação que caracteriza a filosofia nietzschiana.

O objetivo geral é investigar como os textos analisados revelam a constituição de um novo tipo humano, compreendido não como ideal metafísico, mas como resultado de um processo de libertação, disciplina e cultivo da inteligência. Entre os objetivos específicos, destacam-se:

1. Compreender como a “morte de Deus” reconfigura o campo da inteligência;
2. Examinar o papel da inteligência enquanto prática de autossuperação;
3. Analisar a jovialidade como condição afirmativa diante do devir; e
4. Identificar, nos prólogos mencionados, o modo como Nietzsche introduz o Espírito Livre e o Além-Homem como figuras de transição.

A escolha desse conjunto de aforismos justifica-se porque eles condensam o momento decisivo da transmutação dos valores e da ruptura com a metafísica. Os

aforismos 108 e 125 elaboram a crítica às crenças fundamentais da humanidade; o aforismo 343 anuncia o novo afeto afirmativo diante do mundo; o Prólogo de *Humano, demasiado humano* apresenta a formação do Espírito Livre por meio de práticas de disciplinamento e autonomia; e o prólogo de *Zaratustra* tematiza a possibilidade do Além-Homem como superação ativa do homem moderno. Juntos, esses textos constituem uma unidade interpretativa que permite compreender a mudança na compreensão do humano que Nietzsche propõe.

A metodologia adotada é analítico-interpretativa, baseada na leitura dirigida das obras de Nietzsche selecionadas e apoiada no diálogo com a interpretação de Martin Heidegger, especialmente em *Nietzsche Volume II* (2007), cuja abordagem permite iluminar o sentido histórico-notável dessas transformações.

A estrutura do trabalho é composta da seguinte forma: após esta introdução, o primeiro momento examina os aforismos 108 e 125 e sua crítica à metafísica; no segundo, analisa-se o aforismo 343 e a noção de jovialidade como novo modo de pensar; e, no terceiro, discutem-se os prólogos de *Assim Falou Zaratustra* e *Humano, demasiado humano*, evidenciando o processo de formação do Além-Homem e do Espírito Livre. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

Dessa maneira, esta introdução situa o percurso conceitual do trabalho e esclarece o problema que orienta todo o desenvolvimento, ao buscar compreender como Nietzsche, ao desconstruir a metafísica e redefinir a inteligência, anuncia a possibilidade de um novo homem, capaz de criar valores e afirmar a existência.

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1 Análise dos aforismos 108 e 125 e sua crítica à metafísica

Friedrich Nietzsche, em *A Gaia Ciência*, desenvolve uma crítica profunda à tradição filosófica e moral ocidental, marcada pela herança cristã. O aforismo 108, Livro III, intitulado Novas Lutas, apresenta uma reflexão sobre o esgotamento da metafísica e das velhas crenças, sobretudo religiosas, e a necessidade de abrir espaço para novas formas de pensamento, que não se apoiem em fundamentos ordinários, mas que estejam voltadas para a vida, para a criação e para a afirmação da existência. Nesse contexto, surge a ideia de que a modernidade inaugura um campo de batalha filosófica e moral; a luta pela superação do niilismo e pela fundação de novos valores. O aforismo evidencia que o desafio moderno não é apenas intelectual, mas também ético. Com a queda da metafísica, não podemos mais fundamentar a moral em verdades universais ou mandamentos divinos.

Nietzsche é um pensador que trabalha com imagens intensas, símbolos e metáforas capazes de engrossar sua crítica à cultura, no citado aforismo 108 de A Gaia Ciência, duas imagens se destacam: a sombra de Buda e a sombra de Deus. Ambas remetem ao mesmo problema, a persistência das ideias religiosas e metafísicas mesmo depois de sua morte.

A frase “Deus morreu” de Nietzsche não significa o fim da moral absoluta apenas, mas o colapso de todo um sistema de valores. Ainda assim, sua influência espiritual e moral persiste, vivemos sob a sombra de Deus, valores herdados da moral cristã.

A morte de Deus significa que as pessoas estão começando a questionar a moralidade e os valores tradicionais que eram baseados na religião, abrindo espaço para novas formas de pensar e viver, mas também pode levar a uma sensação de vazio e falta de direção, sem uma crença em uma autoridade divina, as pessoas

precisam criar seus próprios valores e significados na vida. Isso pode ser libertador, mas também é um desafio, pois exige que as pessoas assumam a responsabilidade por suas próprias vidas e escolhas.

Superar a sombra de Deus, como Nietzsche propõe, é uma tarefa inacabada. O perigo não é somente a perda de Deus, mas a substituição do fundamento religioso por outros absolutos, como a técnica. A questão que fica é: estamos criando novos sentidos ou apenas substituindo um ídolo por outro? A sombra de Deus poderia estar presente na busca por controle absoluto por meio da tecnologia?

A morte de Deus, anunciada por Nietzsche, não foi suficiente para libertar a humanidade dos valores metafísicos, sua sombra ainda existe. A sombra de Buda representa suas ideias, crenças e valores, que continuam a moldar o comportamento humano mesmo depois do fim da figura histórica. A metáfora da sombra lembra *O Mito da Caverna*, de Platão, onde as pessoas veem apenas sombras da realidade. Nietzsche parece sugerir que, mesmo com a ausência de Deus, as pessoas ainda vivem iludidas por seus ecos morais e metafísicos refletidos em suas sombras mentais, instituídas pela cultura.

Nietzsche afirma: ‘Depois que Buda morreu, sua sombra ainda foi mostrada numa caverna durante séculos-uma sombra imensa e terrível. Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada. - Quanto a nós - nós teremos que vencer também a sua sombra!” (NIETZSCHE, 2001, §108)

Hoje essa sombra se manifesta em nossas crises éticas, morais, políticas, religiosas, sociais e culturais. Não basta deixar de acreditar em Deus, é preciso também desconstruir os valores morais, culturais, psicológicos que foram fundamentais na ideia de Deus.

Nietzsche está nos alertando que o fim da crença em Deus não implica automaticamente uma libertação. A verdadeira luta começa depois da morte de Deus, quando é necessário também desfazer-se dos hábitos, valores e estruturas que foram moldadas por essa crença.

Trata-se de uma crítica ao niilismo passivo e uma convocação à criação ativa de sentido, à criação de seus próprios valores, livres das categorias do bem e do mal herdadas do cristianismo e outras formas de dominação do homem pelo homem. Nietzsche sabia que a morte de Deus deixaria um vácuo de sentido, e que muitos cairiam no niilismo, com a percepção de que não há propósito e nem valor. Por isso, não basta matar Deus, é preciso matar também sua sombra. E isso é muito mais difícil, porque as sombras são sutis, disfarçadas, impregnadas nos costumes, na linguagem, na moral cotidiana.

Essa luta é o que ele chama de novas lutas, não apenas combater a religião explícita, mas superar a metafísica oculta que ainda nos governa, buscar um horizonte em que o humano se torna capaz de ser legislador de si mesmo, de inventar valores e de habitar o mundo de modo afirmativo e criativo. Sobre isso, Heidegger comenta que:

> Essa transvaloração constitui a essência consumada do niilismo. O nome niilismo, porém, já não diz que, segunda essa doutrina, tudo é nulo e tudo seria uma nada, e que toda vontade de toda a obra seria em vão? Segundo o conceito nietzschiano, contudo, niilismo não é nem uma doutrina e uma opinião, nem significa efetivamente aquilo que o nome inicialmente compreendido gostaria de nos fazer pensar: dissolução de tudo no mero nada. (HEIDEGGER, 2007, v. 2, p. 208)

Em Nietzsche, “Deus está morto” significa o esgotamento do mundo supra sensível, isto é, da crença em um além que dá sentido ao aqui. A fé em um fundamento absoluto, transcendente e garantidor da verdade e da moral entrou em colapso. Remetendo-nos a uma reflexão a respeito do sentido abrangente do ser, como aquilo que torna possível as múltiplas existências humanas, opondo-se à tradição metafísica que, em sua orientação teológica, que teria transformado o ser em geral num mero ente com atributos divinos.

O que morre, portanto, não é um ente chamado Deus, mas o Deus da metafísica, o princípio supremo que garante o ser dos entes, fundamento que dá estabilidade ao mundo. Quando o pensamento ocidental buscou o ser no horizonte do ente supremo, e é este horizonte que se dissolve na modernidade, assim, a consumação da metafísica, seu ponto culminante, quando o fundamento transcendente desaparece, tudo se torna funcional, manipulável, calculável. O lugar vazio deixado por Deus é ocupado pela vontade de poder e pelo domínio da técnica.

A “morte de Deus” não liberta o homem: ela inaugura o tempo do niilismo, o tempo em que o ser perde seu sentido e o homem assume o papel de senhor dos entes.

O aforismo 125 de *A Gaia Ciência*, intitulado O homem louco, constitui um dos textos mais profundos e representativos da obra de Nietzsche. Quando ele usa a praça pública como cenário de forma alegórica, espaço de encontro da sociedade, espaço coletivo, aberto, onde todos se reúnem.

Um homem louco corre pela praça com uma lanterna acesa, em pleno dia, gritando “procuro Deus!”. O fato de ser plena manhã, à luz do dia, à razão, ao conhecimento e à ciência, induz a sabedoria do homem louco. As pessoas que o cercam riem dele, zombam de sua busca e o tomam por insensato.

O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar "Para onde foi Deus?" gritou ele, "já lhes direi! Nós o matamos - vocês e eu. Somos todos seus assassinos!” (NIETZSCHE, 2001, §125)

Sendo ele, o único que percebe a gravidade da situação, enquanto o povo que ri na praça, encara o niilismo com indiferença, a vida perde o sentido e não há força criativa para propor novos valores. Eles não acreditam em Deus, mas continuam vivendo mecanicamente, como se os valores herdados ainda tivessem validade. Ao rirem do louco os homens da praça revelam a superficialidade do pensamento moderno.

Eles não acreditam mais em Deus, mas continuam presos às categorias e valores derivados da fé, da moral, da verdade, da razão. Enquanto, o homem louco anuncia o fim do sagrado, a dissolução de toda medida transcendente e o advento da era da autoafirmação humana. “Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos?” (NIETZSCHE, 2001, §125)

A ciência tornava-se a sucessora da religião uma nova forma de dogmatismo. A fé na verdade começa quando a fé em Deus termina, ou seja, o homem moderno, ao rejeitar a crença em Deus, não se libertou verdadeiramente da estrutura de pensamento que o sustentava, apenas substituiu a fé teológica pela fé científica, sem

perceber que, a morte de Deus não conduziu à liberdade criadora, mas a um vazio que Nietzsche denomina de niilismo.

Observe-se que os fundamentos da moral, da ciência, da verdade e da cultura que eram sustentados pela ideia de Deus, perderam sua validade. As crenças metafísicas e religiosas que davam sentido às pessoas já não têm força, abrindo espaço para o niilismo (caos). Quando a ciência, a razão e as crenças, sozinhas, não respondem à questão do sentido da existência, permanecemos sem saber viver sem elas.

Neste momento, Nietzsche, expõe o homem louco. Ele reconhece o niilismo na morte de Deus e entende suas consequências destrutivas, no primeiro momento, dissolvendo as crenças, questionando verdades, derrubando ídolos. Ao mesmo tempo, abre espaço para a criação de novos valores, sem recorrer a fundamentos transcendentes, é o fim da metafísica, uma nova afirmação de vida. O homem louco torna-se a figura do niilismo ativo, nietzschiano, ele não apenas diz que Deus está morto, mas denuncia que nós o matamos e que precisamos assumir a responsabilidade. Ele entende a profundidade da crise, tem visão trágica, mas lúcida, consciência do vazio e da necessidade de criar novos valores.

O tema central que surge é a relação entre a morte de Deus e a necessidade de repensar a moral e os valores. Se não há mais fundamento absoluto, de onde vêm os valores? Como justificar a moral depois da anulação e ruptura do horizonte que ultrapassa os limites morais?

A imagem da morte de Deus, longe de significar um evento físico ou religioso, é a metáfora filosófica que exprime o fim da metafísica ocidental. Por séculos, a cultura europeia estruturou-se sobre a crença em um Deus criador, legislador e garantidor da ordem moral do mundo. Essa crença, mesmo quando questionada em termos religiosos, permaneceu viva na filosofia moderna por meio da noção de razão universal, de progresso moral e de verdades absolutas. A moralidade fundada na lei universal e na dignidade da pessoa como valores que, mesmo sem apelo explícito ao divino, ainda carregavam o peso do absoluto. No entanto, percebe que a modernidade já não pode sustentar tal construção.

O avanço da ciência, a crítica histórica e o tempo corroem a crença em Deus, contudo, as pessoas continuam a se apoiar em valores herdados dessa tradição. Ainda falamos sobre verdades, justiça, bondade, como se esses conceitos tivessem validade independentes de suas raízes religiosas.

A morte de Deus não é apenas o fim da fé, mas a revelação de que toda a estrutura moral e cultural ruiu. O homem louco percebe essa lacuna e acusa os incrédulos da praça de não entenderem a gravidade do acontecimento. Eles abandonaram a fé, mas continuam vivendo como se nada tivesse mudado. São superficiais em sua descrença, riram de Deus, mas não perceberam que, com ele, também se foram os fundamentos do bem e do mal.

Esse é o sentido profundo da crise de fundamentos, a modernidade encontra-se órfã do seu princípio ordenador, sem ainda ter consciência plena que é órfã. A moral já não tem garantias transcendentes, e isso abre o abismo do niilismo.

A moral cristã representa uma inversão dos valores vitais. Ela nasce do ressentimento dos fracos. Aqueles que, incapazes de afirmar sua própria força ou rivalizar com os fortes, criaram uma moralidade que exalta a humildade, a obediência e a submissão, ao mesmo tempo em que condena a potência, a afirmação e a grandeza de espírito, aquilo que era expressão de força e nobreza passou a ser denominado “mal”, enquanto a fraqueza e a renúncia foram elevadas à categoria de “bem”.

Assim, conceitos como pecado, culpa e virtude surgem como instrumentos de domesticação da vida, funcionando como mecanismos de controle e disciplinamento dos comportamentos humanos. A moral cristã, portanto, é uma moral de rebanho: promove a igualdade pela nivelação por baixo, reduzindo o indivíduo à obediência às normas do coletivo e suprimindo sua singularidade criadora. Em vez de afirmar a vida, ela a nega em nome de uma promessa de vida eterna, valorizando mais o “além-mundo” do que a existência concreta.

Com a morte de Deus, esse mecanismo perde seu ponto de apoio, mas não desaparece de imediato. A moral herdada continua a se projetar, como uma sombra que persiste mesmo depois do desaparecimento do objeto. A moral herdada perde sentido, mas continua a ser vivida de modo automático.

O homem louco, no aforismo, tenta justamente despertar os homens para que percebam essa incoerência. Não basta abandonar a crença em Deus, é preciso questionar radicalmente a moral que dele provém. Caso contrário, caímos em uma moral sem fundamento, sustentada por hábitos e costumes já esvaziados.

Nietzsche não se limita à crítica destrutiva, ele propõe uma alternativa, a transvaloração dos valores. Esse conceito significa inverter e recriar os critérios pelos quais a vida é avaliada, libertando-os da herança metafísica e cristã. O homem moderno já não possui um horizonte de sentido que o transcenda. Contudo, ele ainda vive nas sombras dos antigos valores, continua preso ao ideal de verdade, de moral e de progresso, sem perceber que essas categorias já perderam seu fundamento.

Se os valores antigos serviram para negar a vida em nome da vida eterna, prometida pelas religiões cristãs, os novos valores devem afirmar a vida em sua essência, com todas as suas contradições, fatos e atos, dores e prazeres. A moral deixa de ser uma obediência a mandamentos externos e torna-se expressão do ser, da capacidade criadora de cada indivíduo.

O homem louco aponta para a necessidade de uma nova fundação da moral, não mais baseada na transcendência, mas na criação. Ele indica que a morte de Deus não é apenas uma perda, mas também um evento decisivo que abre uma nova era: a era da autorreferência do homem, em que este se torna a medida de todas as coisas. Essa libertação aparente é também a consumação da metafísica: a vontade de poder substituir Deus como princípio supremo, e o ente toma o lugar do ser. Ela contém duas ideias profundas que articulam a crítica de Nietzsche à metafísica e o diagnóstico heideggeriano do niilismo ocidental. O ser deixa de ser pensado como presença e passa a ser pensado como valor, como algo que adquire validade e força.

Sobre a vontade de poder, afirma: “Qualquer um pode experimentar em si mesmo a qualquer momento o que significa ‘vontade’: querer é aspirar algo. Todos sabem a partir de uma experiência cotidiana o que é o ‘poder’: o exercício da força.” (HEIDEGGER, 2007, v. 2, p. 200)

Não é essa vontade de poder observada por Heidegger, num primeiro momento que buscamos entender, buscamos aqui compreender a vontade como uma capacidade humana, inserida em sua alma, algo psicologicamente consciente em

contraposição ao entendimento e ao sentimento de uma doutrina estabelecida, até então, pela metafísica.

Tudo o que existe, inclusive a vida, o pensamento e os valores, é expressão dessa força dinâmica que quer afirmar-se, expandir-se, dominar não por maldade, mas por afirmação do próprio ser. Assim, a vontade de poder se torna o novo princípio interpretativo do mundo, o fundamento de todos os valores e do próprio vir-a-ser.

A vontade de poder é o princípio vital e interpretativo do mundo, substituindo Deus como o eixo de sentido. Ela expressa o caráter afirmativo, criador e trágico da existência. Essa substituição significa que o homem moderno, ao perder Deus, ainda precisa de um fundamento e o encontra no próprio ente, no dinamismo da vontade. Heidegger complementa dizendo:

> Como o ser do ente enquanto vontade de poder é em si esse entrelaçamento, as condições da vontade de poder, isto é, os valores, permanecem ligadas a 'conformações complexas'. Nietzsche também denomina essas figuras da vontade de poder, por exemplo, a ciência (conhecimento), a arte, a política e a religião, 'conformações de domínio'. (HEIDEGGER, 2007, v. 2, p. 205).

É o início da possibilidade de uma moral afirmativa, estética, artística, fundada na força vital e na coragem de existir sem garantias (Arte), o desenvolvimento de novos conhecimentos e a transformação do homem em super-homem.

Quando surge o super-homem, apresentado em *Assim Falou Zaratustra*, Nietzsche simboliza aquele que assume a tarefa criadora depois da morte de Deus, tornando-se legislador de si mesmo, capaz de inventar novos valores. O super-homem não precisa de garantias transcendentais, pois encontra na própria existência a fonte de sentido. O super-homem é, portanto, aquele que afirma a existência em toda a sua plenitude, sem buscar justificativas transcendentais. Heidegger defende que:

> Além-homem é a negação incondicionada, tomada expressamente de uma vontade, da essência do homem até aqui. No interior da metafísica, o homem é experimentado como o animal racional (animal rationale). A origem da 'metafísica' dessa determinação da essência do homem que suporta toda a história ocidental ainda não foi até hoje concebida, nem colocada para decisão do pensamento. Isso significa: o pensamento ainda não emergiu da cisão entre a questão da metafísica do ser, a questão que se volta, com isso, para a ligação essencial do ser com a essência do homem. (HEIDEGGER, 2007, v. 2, p. 222).

O caminho em direção ao super-homem é a autossuperação, o movimento pelo qual o homem se ultrapassa, transforma-se e cria novas formas de existir. A força

que impulsiona esse movimento é a vontade de poder, entendida como o impulso criador da vida, a tendência à expansão e à afirmação. “Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma passagem e um declínio.” (NIETZSCHE, 2011, Prólogo, §4)

Mais do que uma metáfora sobre a perda da fé, o super-homem representa, em Nietzsche, a expressão histórica e filosófica da superação do niilismo decorrente da queda dos fundamentos transcendentais dos valores. Ao anunciar a morte de Deus, Nietzsche também proclama a morte da moral tradicional, baseada nos antigos valores absolutos que perderam a validade.

As consequências são pesadas, utópicas, se não há valores dados a serem seguidos, cabe o super-homem assumir a responsabilidade de criá-los, enfrentando o niilismo passivo, apegado as sombras do passado e buscando, o niilismo ativo, que nega o criador e abre o caminho para novos horizontes.

O homem louco de Nietzsche, com sua lanterna acesa em pleno dia, simboliza essa consciência aguda, não basta não crer em Deus, é preciso compreender o que essa descrença significa para a vida, para a moral e para a cultura. É preciso ter coragem de olhar para o abismo do niilismo e, a partir dele, inventar novos valores. Eis o desafio nietzschiano, a morte de Deus não é o fim, mas o início de uma nova era, em que a moral e os valores se tornam obra da criação humana.

Nosso grande desafio, enquanto humanos, é vencer as sombras, viver a arte da vida, tornar-se criadores de novos sentidos - artistas da vida! O super-homem representa essa possibilidade.

Depois de falar essas palavras, Zaratustra olhou novamente para o povo e calou. “Aí estão eles e riem”, falou para seu coração, “não me compreendem, não sou a boca para esses ouvidos. (NIETZSCHE, 2011, Prólogo, §5).

2.2 Análise do aforismo 343 e a noção de jovialidade como novo modo de pensar

Em *A Gaia Ciência*, na tradução de Paulo César de Souza (Companhia da Letras, 5ª reimpressão), o aforismo 343 intitulado “O sentido de nossa jovialidade”, pertencente ao Livro V, “Nós – Impávidos, aquele que não demonstra medo”, apresenta um dos momentos mais intensos e decisivos dos pensamentos de Nietzsche. Ele apresenta de forma enigmática e provocadora, o pensamento do eterno retorno. Longe de ser apenas um exercício imaginativo, esse aforismo articula as tensões fundamentais entre ciência, moral, niilismo e afirmação da vida, elementos que atravessam toda a escrita nietzschiana, quando expõe o núcleo de sua crítica à modernidade científica e à tradição metafísica ocidental, convidando-nos a repensar o sentido da existência, colocando em jogo a capacidade humana de afirmar a vida em sua totalidade, inclusive no sofrimento, na repetição e na finitude, conforme abaixo transcrito:

> O maior acontecimento recente – o fato de que ‘Deus está morto’ de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa. Ao menos para aqueles poucos cujo o olhar, cuja suspeita no olhar é forte e refinada o bastante para esse espetáculo, algum sol parece ter se posto, alguma velha e profunda confiança parece ter se transformado em dúvida: para eles o nosso velho mundo deve parecer cada dia mais crepuscular, mais desconfiado, mais estranho, ‘mais velho’: Mas pode-se dizer, no essencial, que o evento mesmo é demasiado grande, distante e à margem da compreensão da maioria, para que se possa imaginar que a notícia dele tenha sequer chegado; e menos ainda que muitos soubessem já que o que realmente sucedeu - e tudo quanto irá desmoronar, agora que esta crença foi minada, porque estava sobre ela construindo, nela apoiada, nela arraigado: toda a nossa moral europeia, por exemplo. Essa longa e abundante sequência de ruptura, declínio, destruição, cataclismo, que agora é iminente: quem poderia hoje adivinhar o bastante acerca dela, para ter de servir de professor e prenunciador de uma tremenda lógica de horrores, de profeta de um eclipse e ensombrecimento solar, tal como provavelmente jamais houve na terra?... (NIETZSCHE, 2001 § 343)

Nietzsche, após o abalo de todos os fundamentos transcendentais, ousa propor uma nova disposição do espírito, não o lamento pela perda do absoluto, mas o contentamento diante da liberdade que essa ausência proporciona. A jovialidade, para Nietzsche, é o nome dessa nova tonalidade afetiva do pensamento, a atitude daqueles que aceitam o destino de um mundo sem garantias metafísicas e se lançam ao “grande mar aberto” do devir.

A morte de Deus, enquanto ruína dos fundamentos transcendentais, não é o fim, mas o início de uma nova tarefa, a criação de sentido a partir da existência da vida. A jovialidade é, portanto, a expressão de uma força que diz SIM ao mundo, mesmo diante do caos e da ausência de garantias. Ela substitui a antiga fé pela confiança no acaso, no devir, na essência da vida.

Jovialidade nietzschiana, contudo, não se refere a um retorno à origem, mas a uma atitude de criação diante do abismo. Ela é o modo de ser do espírito livre que assume a ausência de fundamento como condição para a liberdade, o contraponto ao niilismo passivo, em vez de sucumbir ao vazio, o homem jovial o afirma. Essa afirmação consiste em dizer sim ao acaso, ao destino, a necessidade de ir além, sem dogmas que, no passado impossibilitavam o homem na construção da sua própria vida. O Além-Homem!

A jovialidade como um indício de essência metafísica da vontade de poder, uma expressão da autoafirmação do ente, um desdobramento da vontade de poder enquanto princípio fundamental de toda realidade. Tendo eliminado o Deus transcendente, volta-se sobre si mesma e se toma como fundamento. Assim, a vontade de poder é a essência do ente como um todo, no encontro do acaso e da compreensão da natureza. Heidegger compreende da seguinte forma:

> No momento em que a vontade de poder é concebida expressamente e assumida explicitamente como fundamento e medida de toda instauração de valor, o niilismo encontra o caminho para o interior e sua essência afirmativa, superando e compreendendo a sua incompletude e, assim, se consumado...Onde a vontade de poder é o princípio assumido da avaliação, o niilismo se transforma no ideal da mais elevada potência do espírito. (HEIDEGGER, 2007, v. 2, p. 213).

A jovialidade é o modo pelo qual o homem pós-metafísico pode suportar a ausência de fundamento, o Espírito Livre é aquele que se liberta da exigência de um ser imutável e reconhece a impermanência como essência do real. Trata-se de uma nova relação do homem com o ser do ente, mesmo que ainda não em pensamento conceitual.

A jovialidade é uma força estética, uma potência de criação que não busca fundamento na existencialidade concreta da realidade. Ela exige coragem, pois implica habitar o vazio. Quando nossa coragem é o que nos mantém joviais, a coragem aqui, é a disposição fundamental de enfrentar o nada sem fugir dele para o

refúgio de valores prontos. Indicando uma comunidade espiritual e orgânica em gestação, composta pelos que têm coragem de viver sem Deus. Como o prenúncio do domínio planetário da técnica, um sinal da autoafirmação da vontade de poder em escala global. A alegria diante do novo mundo é, ao mesmo tempo, o entusiasmo pela técnica e a perda da dimensão do ser.

Paradoxalmente, o mesmo movimento que liberta o homem dos deuses o aprisiona na vontade de domínio. O início da técnica em que o homem moderno começa a navegar sem as bússolas do passado.

Nietzsche não propõe apenas uma nova metafísica, mas uma nova arte de viver. O filósofo jovial é artista de si, criador de valores e formas, que determina o nascimento de uma nova humanidade, aprender a pensar sem deuses e sem fundamentos, mas com coragem e alegria diante do mistério que permanece.

Nietzsche prossegue dizendo no aforismo 343:

> Mesmo nós, adivinhos natos, que espreitamos dos altos montes, por assim dizer, colocados entre o hoje e o amanhã e estendidos na contradição entre o hoje e a amanhã, nós, primogênitos e prematuros do século vindouro, aos quais as sombras que logo envolverão a Europa já deveriam ter se mostrado por agora: como se explicar que mesmo nós encaramos sem muito interesse o limiar deste ensobrecimento, e até sem preocupação e temor por nós?" Nietzsche continua dizendo, como respondesse essa indignação – "talvez sofremos demais as primeiras consequências desse evento – e estas, suas consequências para nós, não são, ao contrário que talvez se esperasse, de modo algum triste e sombrias, mas sim algo difícil de descrever uma nova espécie de luz, de felicidade, alívio, contentamento, encorajamento, aurora.... (NIETZSCHE, 2001, p. 343)

Compreende-se dos escritos nessa parte do aforismo que, diante da ausência do fundamento transcendente que sustentava os valores e a verdade, o Além-Homem, em vez de sucumbir ao desespero, passa a experimentar uma espécie de alegria inaugural, uma luz que nasce do breu das antigas auroras, o paradoxo entre os dois mundos, o velho e o novo.

Nietzsche se refere a um tipo de homem que vive o intervalo histórico entre os dois mundos, o mundo cristão e o mundo que virá após o colapso dos valores transcendentais. Esses adivinhos são os Espíritos Livres, os pensadores que já percebem o aparente declínio dos fundamentos tradicionais da metafísica e da moral, e que se encontram, como diz o próprio texto, estendidos na contradição entre o hoje e o amanhã.

Essa posição liminar que constitui o início de algo, é o lugar do pensamento trágico de Nietzsche, em que o filósofo não se refugia em um novo absoluto, mas enfrenta o abismo aberto pela morte de Deus.

A interpretação aqui proposta indica o amadurecimento do niilismo, como pressentimento do tempo em que se consuma a metafísica e se dissolvem os fundamentos do ente. Nesse contexto, o Além-Homem torna-se o lugar da decisão sobre o sentido do ser. Os adivinhos natos são precisamente aqueles que, antecipando o futuro, percebem o significado histórico do momento que se inicia: o advento de uma era pós-metafísica.

Heidegger, lê essa passagem como a descrição do momento histórico do niilismo:

> O fato de os valores supremos até aqui se desvalorizarem significa: esses ideais perderam a sua força histórico-conformadora. No entanto, se a 'morte de Deus' e a decadência dos valores supremos é niilismo, como é que alguém ainda pode afirmar que o niilismo não seria nada negativo? O que desencadeia mais decisivamente a aniquilação em meio ao nada nulo do que a morte e mesmo a morte de Deus? A questão é que, como acontecimento fundamental da história ocidental, a desvalorização dos valores supremos até aqui pertence, em verdade, ao niilismo, mas nunca esgota a sua essência.
>
> A desvalorização dos valores supremos até aqui leva inicialmente a que o mundo pareça sem valor. Os valores até aqui são, em verdade, desvalorizados, mas o ente na totalidade permanece e a necessidade de erigir uma verdade sobre o ente apenas antepõe-se. A instauração de novos valores anuncia-se. Emerge um estado intermediário pelo qual a história atual do mundo atravessa. Esse estado intermediário traz consigo o fato de ainda se esperar ao mesmo tempo pela volta do mundo valorativo até aqui, sim, de esse mundo continuar sendo mobilizado e, contudo, de ser pressentido o presente de um novo mundo valorativo que, ainda que contra a vontade, já é até mesmo reconhecido. Esse estado intermediário, no qual os povos históricos da Terra precisam decidir o seu declínio ou o seu começo, dura enquanto se mantém a aparência de que o futuro histórico ainda pode escapar da catástrofe por meio de um equilíbrio mediador entre os antigos e novos valores.
>
> Todavia, a desvalorização dos valores supremos até aqui não significa uma perda apenas relativa de sua validade. Ao contrário, 'a desvalorização é a revolução plena dos valores até aqui'. Essa revolução implica a necessidade incondicionada da instauração de novos valores. A desvalorização dos valores supremos até aqui não é outra coisa senão o estágio prévio de um curso histórico, cujo traço fundamental se torna dominante como a transvaloração de todos os valores até aqui. A desvalorização dos valores supremos até aqui permanece inserida de antemão, na transvaloração de todos os valores que são veladamente esperados. Por isso, o niilismo não impele à mera nulidade. Sua essência propriamente dita reside no modo afirmador de uma liberação. Niilismo é a desvalorização dos valores supremos até aqui, uma desvalorização que está voltada para uma completa inversão de todos os valores. Em um tal 'voltar-se para' que se estende muito

> para trás e ao mesmo tempo muito para frente e que se decide a todo momento esconde-se o traço fundamental do niilismo como história. (HEIDEGGER, 2007, V. 2, p. 209 - 210)

O “pressentir” de que fala Heidegger corresponde precisamente à imagem nietzschiana dos adivinhos natos, aqueles que, antecipando o futuro, percebem o sentido histórico do acontecimento que se inicia de uma era pós-metafísica. São os pensadores, somos nós, que reconhecemos o deslocamento do ser, o fim da metafísica enquanto estrutura de referência e o surgimento do Além-Homem como medida de todo valor. Trata-se do tempo em que se transforma o sentido da verdade do existir, momento em que o Além-Homem se torna o centro da decisão sobre o que é e sobre o que ainda pode vir a ser, o ponto de encontro entre o fim e o começo. O fim da era da superioridade do divino e o começo de um pensar que se afirma na essência de alguma coisa em oposição à existência, uma nova luz, a luz de uma nova existência sem garantias, o esquecimento do ser, à segurança do divino, a coragem de habitar a aurora que sucede o breu da noite de Deus.

Nietzsche finaliza o aforismo dizendo:

> “De fato, nós filósofos e ‘espírito livres’, ante a notícia de que ‘o velho Deus morreu’, nos sentimos como iluminados por uma nova aurora: nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa – enfim o horizonte nos parece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo o perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o nosso mar, está novamente aberto e provavelmente nunca houve tanto ‘mar aberto’”. (NIETZSCHE, 2001, p. 343)

Nesse contexto, a morte de Deus inaugura o tempo do Além-Homem, entendido não como figura biológica ou heroica, mas como aquele que assume a tarefa de criar valores, já que ‘o horizonte nos parece novamente livre, embora não esteja limpo’. O horizonte não está limpo porque o niilismo ainda persiste, o vazio deixado por Deus não se preenche automaticamente, e a ausência de fundamento pode conduzir tanto à criação quanto à ruína. O perigo maior está em que o homem, sem o antigo centro, busque substituir Deus por novas idolatrias: a razão, a ciência, o progresso. Nietzsche, contudo, vê na travessia desse mar a chance de uma transvaloração dos valores, um novo começo que se funda na força afirmativa da vida, e não na negação do mundo.

A metáfora usada por Nietzsche do mar aberto: ‘o mar, o nosso mar, está novamente aberto’, revela o duplo sentido que caracteriza essa nova condição, da

possibilidade infinita, mas também da ausência de fundamento, o desaparecimento de toda referência estável que antes oferecia orientação ao pensamento e à existência. A imagem da aurora e da navegação remete ao caráter criador do pensamento após a morte de Deus. Não apenas expressa um entusiasmo histórico, mas indica a passagem do pensamento atual para um novo modo de ser, em que o saber deixa de buscar fundamentos absolutos e se converte em novas experiências de criação e risco. A nova aurora é o momento inicial da liberdade como destino do pensamento indeterminado, a condução do barco aberto no mar infinito, criador de novos caminhos para o Além-Homem.

Ademais, quando o horizonte nos parece novamente livre e que uma nova luz desponta, não como retorno à certeza, mas, na emergência de uma nova possibilidade de pensamento, uma disposição afirmativa diante do abismo. Nós Espíritos Livres celebramos a gestação dessa liberdade radical, conscientes de que a ausência de fundamentos divinos, exige coragem para a criação do Além-Homem na constituição de algo conceitual que ainda não existe.

Portanto, o aforismo 343, não é o encerramento de *A Gaia Ciência*, mas o ponto de transição para a filosofia do futuro. Nele, Nietzsche põe à prova a capacidade do pensamento ocidental de viver sem a excelência divina, quando a filosofia deixa de buscar a salvação do homem e se torna, finalmente, um exercício de amor à vida, a compreensão plena da natureza e preservação dos Espíritos Livres para constituição do Além-Homem.

2.3 O processo de formação do Além-Homem e do Espírito Livre

Devemos compreender que o Além-Homem implica também uma nova forma de Inteligência. Surge então a questão: de que modo essa inteligência pode ser constituída na própria essência natural do humano? Nietzsche oferece elementos para a preparação da ideia do Além-Homem nos escritos do Livro *Humano, demasiado humano – Um livro para os espíritos livres. Volume II*. O Prólogo desse livro ocupa um lugar decisivo na obra de Nietzsche, pois marca a ruptura sistemática com o

romantismo e com a metafísica de sua fase inicial, oferecendo uma reconstrução de seu próprio percurso intelectual.

Embora a ideia do Além-Homem não apareça de modo explícito no Prólogo de *Humano, demasiado humano*, traz uma preparação e uma interpretação das necessidades primeiras dos pensamentos inteligíveis, característicos da evolução do animal humano, como um passo decisivo rumo à possibilidade de um novo tipo humano, aquele que compreende a inteligência como algo natural da essência do Ser Humano. “Devemos falar apenas do que não podemos calar; e falar somente daquilo que superamos — todo o resto é tagarelice, “literatura”, falta de disciplina.” (NIETZSCHE, 2008, Prólogo, §1).

Nesse prólogo, o filósofo continua a pensar na superação do homem no Além-Homem, em sua concepção do inteligível, direcionando suas ideias aos Espíritos Livres. O processo de formação de um tipo humano capaz de ultrapassar condicionamentos metafísicos, morais e culturais, do que chamamos de homem moderno, exige práticas de austeridade e autocontrole do corpo e do espírito. Tais práticas acompanham o exercício da especulação crítica orientada pela busca de lucidez, fortalecendo o exercício da especulação teórica na direção da inteligência, tornando possível o surgimento de um novo tipo de humano.

Nesse contexto, Nietzsche descreve a inteligência sobretudo em suas dimensões psicológica, genealógica e histórica, adquire a função de método de desapego e purificação. Trata-se, portanto, não apenas de uma mudança de ideias, mas de uma transformação do modo de existir:

> “A serenidade para poder falar de longos anos intermediários de íntima solidão e privação me veio apenas com o livro Humano, demasiado humano, ao qual é dedicado também este segundo prólogo-apologia. Sendo um “livro para espíritos livres”, nele há algo da frieza quase jovial e curiosa do psicólogo, a qual posteriormente constata e, por assim dizer, espeta com uma agulha várias coisas dolorosas que ele tem abaixo de si, atrás de si:...” (NIETZSCHE, 2008, Prólogo, §1)

Nietzsche enfatiza que os grandes libertadores de seu espírito não foram revelações místicas ou experiências metafísicas, mas o trabalho rigoroso da razão, o hábito sistemático da crítica, a paciência investigativa, a coragem de desconfiar e a consciência analítica. Afirmando que, apenas por meio de um distanciamento radical

das tradições culturais e das expectativas sociais é possível alcançar o tipo de clareza que caracteriza humano, demasiado humano.

> Livro para espíritos livres": continuação e reiteração, ao mesmo tempo, de uma cura espiritual, ou seja, do tratamento anti-romântico que meu próprio instinto, permanecendo sadio, inventara e prescrevera para mim, contra um adoecimento temporário da mais perigosa forma de romantismo. Que agora, após seis anos de convalescença, as mesmas obras sejam bem acolhidas juntas, como o segundo volume de Humano, demasiado humano: tomadas conjuntamente, talvez transmitam de modo mais nítido e forte o seu ensinamento — uma doutrina de saúde, que pode ser recomendada como disciplina voluntatis [disciplina da vontade] às naturezas mais espirituais da geração que agora ascende. (NIETZSCHE, 2008, Prólogo, §2).

Essas descrições correspondem diretamente ao que Nietzsche chama de "espíritos livres", um tipo humano preliminar que se distancia de formas herdadas de metafísica, moral e religião, um libertar da embriaguez moral, não por impulso puramente negador, mas por um trabalho positivo da inteligência crítica. A inteligência crítica atua como remédio contra o autoengano. Entendida aqui não como figura já plenamente desenvolvida, mas como horizonte inicial de transformação do espírito, cuja origem e desenvolvimento do ser pode ser detectada no movimento de libertação descrito no prólogo.

Nietzsche apresenta *Humano, demasiado humano* não apenas como marco de um novo método, mais histórico, mais psicológico, mais crítico, mas também como experiência espiritual que inaugura condições para aquilo que se desdobrará na figura do Além-Homem.

O Além-Homem em sua inteligibilidade pressupõe transformações no modo de pensar, sentir e valorar que têm origem nessa nova fase do filósofo. O Além-Homem começa, portanto, nesse trabalho de demolição das ilusões metafísicas e nesse exercício de frieza intelectual que Nietzsche descreve minuciosamente no prólogo. O Prólogo de *Humano, demasiado humano,* é o laboratório intelectual onde nasce a inteligência do Além-Homem, entendida como capacidade de superar condicionamentos morais...

O Espírito Livre é aquele que vive entre a queda da metafísica e a emergência de uma nova posição de valor. Essa posição será, mais tarde, expressa pela figura do Além-Homem como o instaurador de valores, libertando-o das ilusões metafísicas, com o surgimento do Espírito Livre como novo tipo humano, autossuperação e o

anúncio de nova forma humana por vir. “Somente então aprendi esse falar de eremita, do qual apenas os mais silenciosos e mais sofredores entendem:...Aprendi, então, a arte de parecer jovial, objetivo, curioso, sobretudo sadio e malicioso.” (NIETZSCHE, 2008, Prólogo, §5).

Nesse ponto da referida obra Nietzsche nos convida a reencontrar a inteligência onde, por tanto tempo, não a procuramos, ou seja, na própria natureza humana, em sua naturalidade mais simples e mais verdadeira, na criança. Ele desfaz a imagem solene da inteligência como algo raro, quase místico, reservado a espíritos escolhidos, e a devolve ao terreno do que somos, seres capazes de observar, interpretar, errar, corrigir e seguir em frente. E termina o Prólogo dizendo:

> “Mas sobretudo a vocês, para quem a coisa é mais difícil, vocês, raros, que mais correm perigo, mais espirituais, mais corajosos, que têm de ser a consciência da alma moderna e, como tal, têm de possuir a ciência dela, nos quais se reúne o que hoje existe de doença, veneno e perigo — cuja sina é terem de ser mais doentes do que qualquer indivíduo, pois não são “apenas indivíduos”..., cujo consolo é saber — ah! e percorrer — o caminho para uma nova saúde, uma saúde de amanhã e depois de amanhã, vocês, predestinados, vitoriosos, superadores do tempo, saudabilíssimos, fortíssimos, vocês, bons europeus!” (NIETZSCHE, 2008, Prólogo, §6).

A inteligência, para Nietzsche, não é um dom característico da arte que habita os corpos, que cai do alto, mas uma conquista que se cultiva no chão do cotidiano, feita de curiosidade, coragem e uma proximidade honesta com a realidade. Aprender a reconhecer o fluir das coisas, o movimento da vida sem fugir de suas ambiguidades.

Assim, ao final dessa interpretação da morte de Deus e da busca da nossa inteligência, ficamos diante de uma descoberta simples e poderosa: nossa inteligência se fortalece quando deixamos de procurar garantias para abraçar o exercício constante de interpretar e reinterpretar o mundo. Ela cresce quando nos permitimos ser mais abertos, mais atentos, mais despretensiosos. Quando aprendemos a olhar para nós mesmos com a mesma curiosidade com que olhamos para um fenômeno da natureza. Nietzsche nos lembra, enfim, que a inteligência não está no “além”, mas no humano, que ela não é um privilégio, mas um caminho e que caminhar com inteligência é a forma mais nobre de honrar aquilo que somos. Humanos!

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu compreender que os aforismos 108, 125 e 343 de *A Gaia Ciência*, articulados aos prólogos de *Assim Falou Zaratustra* e de *Humano, demasiado humano*, formam um percurso conceitual que expressa a transição decisiva do pensamento nietzschiano: o deslocamento da metafísica como fundamento do sentido para a emergência de uma nova relação com a inteligência e com o próprio homem. Nesse conjunto de textos, Nietzsche não apenas descreve o esgotamento das antigas crenças, mas mostra de que maneira esse esgotamento abre um espaço histórico para a formação de um novo tipo humano, capaz de criar valores e suportar o devir.

O ponto central que se revelou é que a morte de Deus, longe de ser apenas um enunciado teórico, é apresentada como um acontecimento histórico-espiritual que transforma profundamente as condições de pensar e existir. Sem o fundamento transcendente que sustentava as categorias metafísicas e morais, o homem passa a confrontar diretamente o caráter interpretativo da inteligência. Nesse horizonte, a inteligência deixa de ser concebida como mera faculdade racional e aparece como disciplina de libertação — uma prática que exige autocontrole, rigor, coragem e capacidade de suportar a insegurança inerente ao novo mundo interpretativo que se abre.

O aforismo 343, ao tematizar a jovialidade, mostrou-se crucial para compreender esse movimento, pois indica que a superação da metafísica não conduz ao desespero, mas à possibilidade de uma afirmação renovada da existência. A jovialidade torna-se a disposição que permite ao pensamento assumir o devir, reconhecer a ausência de garantias e, ainda assim, afirmar a vida. Assim, a crítica nietzschiana não culmina no niilismo passivo, mas inaugura o espaço da criação.

Nesse sentido, os prólogos de *Humano, demasiado humano* e *Assim Falou Zaratustra* representam dois momentos complementares: o primeiro, dedicado à formação do Espírito Livre, descreve a exigência de uma disciplina interna necessária para romper com a moralidade herdada; o segundo anuncia o surgimento do Além-Homem como consequência e tarefa desse processo de libertação. Nessas passagens, Nietzsche não apresenta o Além-Homem como um novo ideal metafísico,

mas como a possibilidade histórica de um homem que se torna responsável pelos valores que cria.

A investigação demonstrou, portanto, que o eixo que atravessa todo esse conjunto de textos é a relação entre crítica e criação, e que tal relação é mediada pela transformação da inteligência. É ela o fio condutor que permite compreender como Nietzsche desmonta o edifício metafísico e, ao mesmo tempo, prepara as condições para um novo modo de existir. A inteligência, compreendida como exercício contínuo de desapego, autossuperação e rigor, torna-se o elemento que possibilita tanto o Espírito Livre quanto a transição em direção ao Além-Homem.

Por fim, a leitura dialogada com Heidegger mostrou que a interpretação heideggeriana reforça o caráter histórico e decisório desses textos, situando o Além-Homem no interior da superação da metafísica e na redefinição do sentido do ser.

Conclui-se, assim, que os textos analisados revelam a profundidade da ruptura nietzschiano com a tradição e a amplitude de seu projeto de transformação do humano. Ao associar o fim da metafísica, o nascimento da inteligência e a possibilidade do Além-Homem, Nietzsche estabelece um horizonte no qual pensar e existir tornam-se tarefas inseparáveis e no qual o homem, desprovido de garantias transcendentais, encontra na criação de valores a sua mais alta afirmação.

4. REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. 5. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano – Um livro para espíritos livres*- Volume II. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche. Vol. II*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.